



sala preta  
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v17i2p304-317

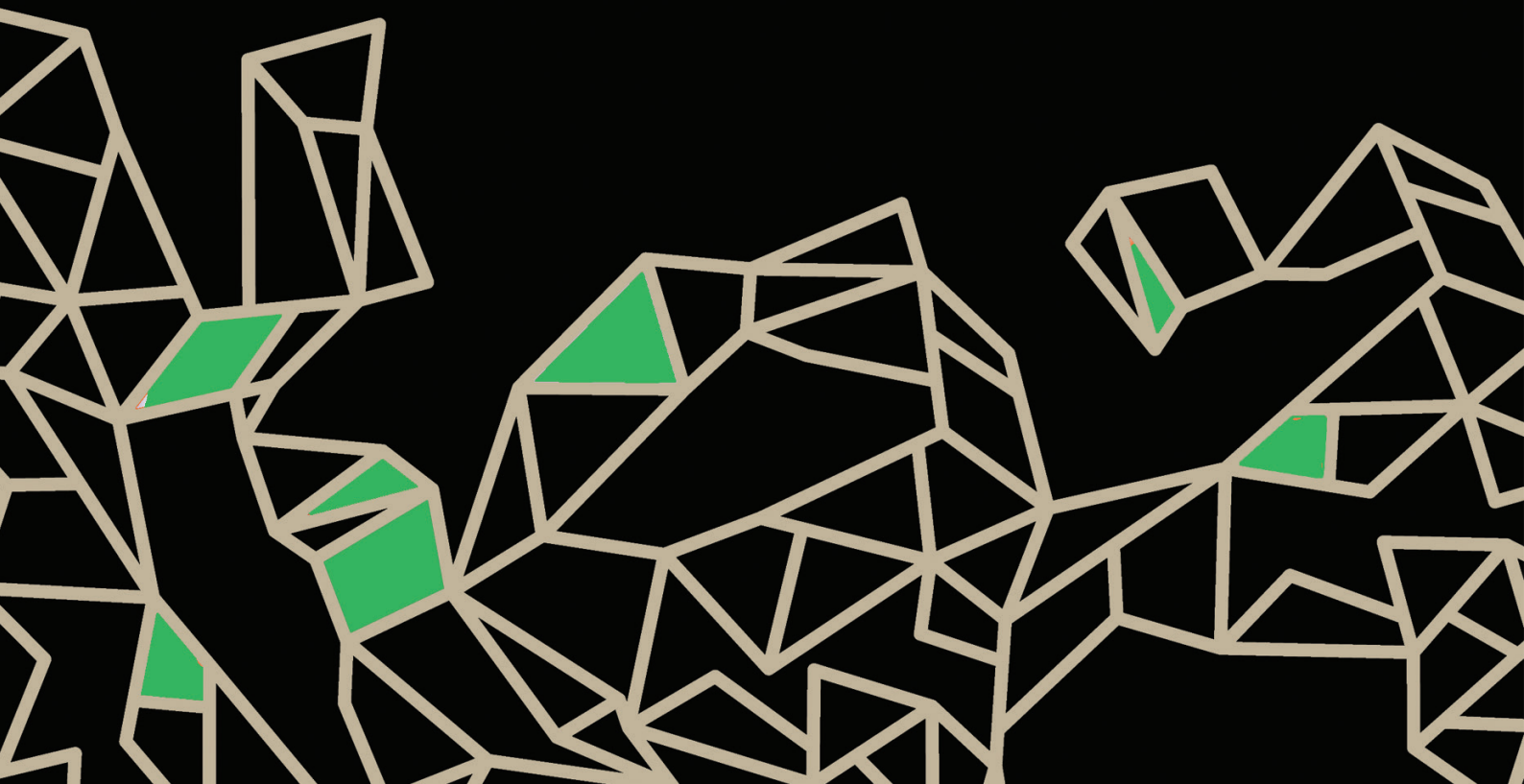
Sala aberta

# ***The Mask: a performance documental de Edward Gordon Craig e Dorothy Nevile Lees***

*The Mask: the documental performance of  
Edward Gordon Craig and Dorothy Nevile Lees*

**Almir Ribeiro da Silva Filho**

**Almir Ribeiro da Silva Filho**  
Professor substituto da Universidade  
Federal de Santa Catarina (UFSC).



## Resumo

Edward Gordon Craig criou em seu célebre periódico *The Mask* um ambiente criativo que ultrapassou a função jornalística. Além do ineditismo de ser uma publicação exclusivamente dedicada ao teatro, também engendrou uma linguagem artística única: um espaço literário e, ao mesmo tempo, performativo, em que Craig fez dialogar de forma lúdica suas ideias para a renovação teatral com um meticuloso esforço documental, tanto ao resgatar textos antigos garimpados em arquivos quanto ao oferecer um nicho para o registro histórico das diferentes vanguardas do início do século XX. Resgata-se a figura histórica da coeditora Dorothy Nevile Lees, jornalista e escritora que dividiu com Craig a manutenção de *The Mask* por vinte anos e foi guardiã deste material para a posteridade, cujo nome foi injustamente obscurecido por Craig.

**Palavras-chave:** Gordon Craig, The Mask, Dorothy Nevile Lees.

## Abstract

Edward Gordon Craig has created in his renowned periodical *The Mask* a creative environment that surpassed the journalistic function. In addition to the originality of being a publication exclusively dedicated to the art of theater, it also has given rise to a unique artistic language: simultaneously a literary and performative place, in which Craig has interfaced, in a ludic way, his ideas for a theatrical renewal with a meticulous documental effort both by retrieving old texts hunted in archives and by offering a niche for the historical record of the different vanguards of the early twentieth century. The historical figure of coeditor Dorothy Nevile Lees, a journalist and writer who has shared with Craig the maintenance of *The Mask* for twenty years and has been custodian of such material for posterity, whose name has been unfairly obscured by Craig, is rescued.

**Keywords:** Gordon Craig, The Mask, Dorothy Nevile Lees.

## Um laboratório de impraticabilidades

Edward Gordon Craig é responsável por ineditismos fundamentais para a linguagem do teatro contemporâneo. Suas contribuições revolucionárias ultrapassam o âmbito da cenografia, no qual comumente é situado na historiografia



teatral. Gordon Craig possuía uma capacidade criativa polifônica: foi ator, encenador, cenógrafo, figurinista, dramaturgo, teórico teatral, editor, produziu desenhos e xilogravuras, confeccionou bonecos e maquetes. Na verdade, seu ideário ultrapassa o campo artístico e transborda para o território da formação do artista teatral. A proposta pedagógica teatral de Craig permeia toda a sua obra e possui sua faceta mais visível na criação de sua Escola para a Arte do Teatro em Florença, em 1913. Esta possui uma importância histórica, pois se trata da primeira escola especificamente dedicada à formação de artistas de teatro e, principalmente, aberta ao público.

Uma outra vertente do esforço pedagógico de Gordon Craig se concretizou na edição de sua revista *The Mask*, publicada entre 1908 e 1929. *The Mask* foi a primeira publicação periódica inteiramente dedicada ao teatro. Possuía a intenção declarada de ser um suporte teórico e propagandístico para sua escola. Portanto, as duas iniciativas estão entrelaçadas. *The Mask*, ao ser pesquisada atualmente, revela-se como um diário, no qual se pode ver cronologicamente a evolução dos interesses temáticos das pesquisas de Gordon Craig ao longo dos anos. Ali se encontram justapostos seu interesse e seu ceticismo pelos novos movimentos artísticos (Cubismo, Expressionismo, Futurismo etc.), associados a um meticuloso resgate de textos antigos. A eclosão da Primeira Guerra Mundial determinou o fechamento da escola de Craig. Mas *The Mask* sobreviveu.

Ao nos aproximarmos desses projetos tão caros a Craig, emerge um personagem de fundamental importância: a jornalista e escritora Dorothy Neville Lees. O nome de Lees foi propositalmente obscurecido por Craig, que substituiu seu nome como editora em *The Mask* por um personagem fictício, John Semar (o nome Semar foi retirado de um personagem do teatro de marionetes javanesas). Craig fazia questão de se referir a Lees simplesmente como sua secretária ou assistente, e assim ela aparece na maioria dos textos sobre o trabalho em *The Mask*.

## Primeira página

Além de seus livros publicados, *The Mask* foi a realização de Craig mais substancial e, principalmente, continuada. No periódico, Gordon Craig pôde

flexionar sua visão sobre a renovação da cena teatral em forma de revista. Nessa sua “performance”, Craig contracenou durante vinte anos com Dorothy Nevile Lees. A jornalista teve um papel fundamental na sedimentação, na divulgação e até na articulação das ideias de Craig para a posteridade. Era ela quem redigia os textos que o autor ditava em voz alta. Lees descreve esses momentos em seu diário pessoal:

ele normalmente andava de um lado para outro enquanto ditava, e o fazia de forma muito errática e entrecortada no começo, como se achasse difícil coordenar seus pensamentos; e por vezes dizia: “Eu preciso ensinar a mim mesmo a escrever, eu preciso!” (LEES, 1961, p. 10, tradução minha).

*The Mask* representava um singular universo expressivo que fazia interagirem várias linguagens. Paralelamente criava uma dramaticidade entre seus autores, alguns reais e outros fictícios. Na revista, Gordon Craig logrou articular em palavras, conteúdo, imagens e dinâmicas visuais um espaço cênico “possível” para sua vocação de ator. Apesar de suas múltiplas atividades, Craig nunca deixou de ser um ator. Ele mesmo admite, ao final da vida, que se definia como um ator. Em prefácio para uma reedição de seu *On the art of theatre*, em 1955, aos 83 anos, Craig esbravejou: “concedam-me fitar o público, praguejar e enfurecer-me, concedam-me ser um ator até o fim” (CRAIG, 2009, p. xxv, tradução minha). E, como bônus, *The Mask* divulgou mundialmente o nome de seu idealizador. Que nome poderia ser mais adequado para tal performance? *The Mask*.

## Florença

Em 1906, Craig transfere-se para Florença. Sendo ele também um artesão, e amante deste ofício, ficou impressionado com a tradição artesã florentina. Craig escreveu em seu livro *A Living Theatre* (1913) que os alunos perfeitos para sua escola deveriam ser, simultaneamente, “artesãos e esportistas” (CRAIG, 1913, p. 51, tradução minha). Durante o início de sua estada em Florença, descobriu as lojas de livros antigos, que se acostumou a vasculhar amiúde. Dessas visitas, Craig recolhia livros raros, antigos escritos,



desenhos, gravuras etc. E daí extraiu muito do material publicado. Por isso *The Mask* assume também um papel importante de resgate e documentação, uma vez que explicitava sua metodologia de reunir tradição e inovação. Lees escreveu em *A Living Theatre* que o projeto de *The Mask*

não é uma unidade independente, mas faz parte de um todo [...] a Escola é prática, experimentação, dar forma e substância a tudo que *The Mask* [...] tem falado, concretizando aquilo para o que *The Mask* preparou o caminho. Assim, Prática e Teoria, Teoria e Prática agem e reagem, e cada qual confirma e fortalece a outra (LEES, 1913, p. 18, tradução minha).

Gordon Craig e Nevile Lees tiveram um filho, David Lees (Davidino), que viveu em Florença, ao lado da mãe. David afirma que:

*The Mask* não teria existido sem ela e, provavelmente, nem a escola. Efetivamente, ela era a pedra fundamental de sua produção florentina. Mais tarde, ele deixou Florença, enquanto ela fez de Florença sua casa para o resto de sua vida. [...]. Ela dedicou-se inteiramente a ele e à sua causa. (LEES apud SBORGI, 2001, p. 26, tradução minha)

A chegada da Primeira Grande Guerra abalou o ciclo extremamente produtivo de Gordon Craig e Lees em Florença. Em julho de 1914, dezesseis meses após sua abertura, a escola encerrou seu funcionamento para sempre. As notícias das mortes de seus alunos e colaboradores chegam aos poucos. Extremamente abatido, Craig se exila na costa da região italiana da Ligúria por dois anos e ali se dedica a escrever um ciclo de peças para teatro de marionetes que se tornaria célebre: *The Drama for fools*. Lees mantinha o funcionamento de *The Mask*.

## Dorothy Nevile Lees

Em 1907, Lees já vivia em Florença há dois anos como correspondente para a imprensa britânica quando soube que o filho de uma grande atriz inglesa, Ellen Terry, estava em Florença e necessitava de alguém que pudesse estenografar alguns textos. Craig percebeu em Lees a inteligência e a diligência necessárias para seus projetos. Ele planejava a publicação de uma

revista sobre teatro que representasse um veículo de divulgação internacional de suas ideias. A revista deveria pavimentar a concretização de um projeto: a criação de uma inédita escola para a formação de artistas de teatro. Lees compreendeu que deveria deixar seu trabalho como jornalista e como escritora para se dedicar inteiramente a esses planos. Estava claro que um amor generoso moveu Nevile Lees a abraçar a causa de Craig.

Ele me pediu para me unir a seu trabalho e servir àquela causa do teatro na qual e pela qual ele vivia. Dois caminhos se apresentavam a mim. O primeiro parecia promissor e facilmente próspero [...] o outro, por seu lado, levava a um futuro incerto, severo e perigoso, mas seria com ele e para ele. Eu fiz minha escolha. (LEES apud SBORGI, 2001, p. 16, tradução minha)

Dorothy Nevile Lees nasceu em Wolverhampton, Inglaterra, em 1880. Em 1903, decide fazer uma viagem pela Europa e no dia 4 de novembro chega a Florença, onde, arrebatada pelo encanto paisagístico e cultural da cidade, decide se estabelecer na cidade. Lees foi não apenas a intérprete de Gordon Craig em situações fundamentais para seus projetos – apesar de viver na Itália por quase trinta anos, Craig se recusava a aprender italiano –, mas terminou sendo responsável por ser a tradutora da realidade florentina para ele e por tornar possível a inserção da revista e da escola naquela circunstância social e cultural. “Com o tempo, a causa de Gordon Craig tornou-se a causa de toda vida de Dorothy Nevile Lees” (SBORGI, 2001, p. 26, tradução minha). Se analisarmos a produção de *The Mask*, Lees teve, de fato, tanta responsabilidade em sua existência quanto Gordon Craig, tendo dedicado ao empreendimento, aliás, muito mais tempo que ele.

Após inúmeras dificuldades logísticas e orçamentárias (a ajuda de Isadora Duncan e Ellen Terry foi vital para a revista), *The Mask* lançou seu primeiro número: “finalmente o número 1, Volume I, de março de 1908 foi impresso e colocado em sua capa cinza. Então, com enorme alegria por parte de todos os colaboradores, o primeiro número saiu e *The Mask* foi devidamente lançada” (LEES, 1961, p. 16, tradução minha). Mas, nesse mesmo ano, Isadora Duncan e Craig se separaram e uma importante fonte de financiamento (Duncan) foi perdida. *The Mask* demorou um ano para se tornar realidade



desde o primeiro encontro entre Craig e Lees. Somente seis anos mais tarde seria inaugurada a escola na Arena Goldoni.

### ***The Mask***

O papel histórico de *The Mask* é evidenciado pelas publicações em primeira mão de autores de vanguarda. Lees questiona em *A Living Theatre*: “quem antes de *The Mask* apresentou escritos de Grasso e dos sicilianos, do trabalho de Stanislavski em Moscou, de Wyspiansky na Polônia ou de Hevesi em Budapeste?” (LEES, 1913, p. 18, tradução minha). Ao lado de escritores inovadores como William Butler Yeats, encontra-se o *Treatise on the proportions of the human body*, do século XVI e de autoria de Albert Durer; um texto de Edward William Godwin, pai biológico de Craig, intitulado *The architecture and costume of Shakespeare plays*; o manifesto de Marinetti, *Futurismo e o Teatro*; além de artigos inéditos sobre teatros dos “distantes” Japão, Camboja e Java. *The Mask* também trazia resenhas sobre livros lançados ao redor do mundo, dando notícia em primeira mão de várias vanguardas e tradições desconhecidas. Por exemplo, por meio de *The Mask* foram conhecidas as pesquisas do historiador cingalês Ananda Coomaraswamy, com quem Craig travaria um emblemático debate.

Ainda que sua publicação tenha sido na Itália e que o idioma “oficial” das artes na Europa da época fosse o francês, *The Mask* era redigida em inglês, pois Craig fazia questão de que se caracterizasse uma empresa britânica. Ele almejava a Europa inteira e se empenhava na parte publicitária da revista, de forma que publicidades de diversos países surgiram nas páginas de *The Mask*. Não apenas por motivos financeiros, mas por viabilizar a penetração da revista (e de seu nome) em vários mercados internacionais. Em seu primeiro ano, *The Mask* teve publicação mensal. Nos anos seguintes, as edições passaram a ser trimestrais. Com o advento da guerra, a revista teve que remodelar sua estrutura, mas manteve seu funcionamento por mais treze anos.

O formato da revista propunha uma visualidade inovadora e refinada, condizente com o capricho metódico de Craig. Suas páginas eram decoradas com abundantes ilustrações e xilogravuras do próprio autor. A revista reservava um arsenal de surpresas visuais: ora alguns textos apareciam tratados

como ilustração, ora ilustrações eram tratadas como texto. Uma das características de *The Mask* era o excesso. Cada uma de suas páginas era cheia até sua capacidade máxima. A esse excesso, no entanto, era dado um tratamento absolutamente visual, que trabalhava a seu favor. Além de elaborar visualmente a página com uma edição sempre inesperada, ele lançava mão no início de cada texto das letras em estilo Piranesi, gravurista italiano do século XVIII.

Se *The Mask* foi realmente a principal realização de Gordon Craig, como ele mesmo atestou, podemos tomá-la como indicativo de seus interesses temáticos preferenciais dentro do universo teatral. Nesse caso, podemos constatar que, depois da *Commedia dell'arte*, que ocupa um grande percentual do espaço do periódico em vários de seus números, o segundo tema que mais frequenta as páginas de sua revista é o das formas de teatros asiáticos. Em terceiro lugar talvez pudéssemos eleger o tema das marionetes, que em alguns momentos se mescla com o tema oriental.

*The Mask* era a palavra escrita levada à ação. Seu layout criava uma dinâmica absolutamente desconcertante, uma certa dramaticidade em seu discurso visual, mais condizente com a linguagem teatral do que com a literária. Craig exercitava sua ideia de tornar visual um elemento primordialmente literário, que seria seu ideal no teatro. Com a instauração desse ambiente lúdico de personagens fantasiosos, que se mesclavam nessa cenografia visual feérica, as palavras desejavam se mover e as imagens pareciam querer falar. Craig criava na bidimensionalidade de sua revista uma estranha sensação de tridimensionalidade, em que seus personagens interagiam ao longo de suas páginas percorrendo diferentes cenários.

Craig construía diálogos visualmente dinâmicos para apresentar suas ideias sobre teatro em *The Mask*. Além de incorporarem um elemento dramático, as narrativas dialogadas acabavam por criar uma teatralidade em suas páginas. O que deveria ser unicamente literário adquire surpreendentemente um aspecto visual e dramático. “Se olharmos a totalidade do projeto *The Mask* como uma transferência da necessidade de Craig em dirigir e materializar suas ideias em teatro, suas indulgências narrativas surgem como uma consequência lógica” (TAXIDOU, 1998, p. 184, tradução minha). O diálogo como forma literária possui um certo didatismo, pois remete à dialética do ensinar e





do aprender. Craig absorve essa qualidade pedagógica do diálogo para seus textos teóricos.

Uma das características mais marcantes da revista *The Mask* é exatamente a heterogeneidade de seu conteúdo, proveniente de fontes absolutamente inesperadas. Gordon Craig foi um voraz devorador de livros, dedicando muitas horas de seu dia ao hábito de ler, até seus últimos dias. Suas leituras sempre foram muito diversificadas, o que se pode observar pela variedade de temas abordados em *The Mask*. Esse aspecto de mosaico descreve o pensamento multifacetado de Gordon Craig, criando um peculiar sistema de interfaces e interdisciplinaridades.

A revista se propunha a ser um espaço de desenvolvimento intelectual, com debates, resenhas, resgate histórico de tradições cênicas e divulgação de novidades teatrais. Todos esses aspectos eram rigidamente controlados para ressaltar, obviamente, a figura de Gordon Craig. Em sua configuração estética e contedística se encontram características editoriais revolucionárias para a época, inovações estas necessárias para acomodar justamente o que identificamos aqui como um viés pedagógico em sua estrutura. Adequando-se perfeitamente às ideias teatrais de Craig, *The Mask*, como produto final, destinava-se a ser mais “vista” do que “lida”. Portanto, seu aspecto visual é mais do que importante: é fundamental. Craig criou mais que uma revista, criou essa nova linguagem, singular e inédita: *The Mask* tornou-se o palco perfeito.

### **As máscaras em *The Mask***

No palco de *The Mask*, Craig assumiu inúmeros pseudônimos, que por vezes dialogavam entre si. Esse subterfúgio, obviamente, não era revelado aos leitores. A prática de criar personagens, autores fictícios, pseudônimos e de assumir inúmeras máscaras acentua o caráter lúdico e performativo no periódico. A reunião desses autores imaginários, supostamente provenientes de várias partes do mundo, tinha a intenção de criar uma imagem de universalidade e credibilidade para a revista. Alguns desses personagens criados por Craig possuíam nomes bastante críveis e aparentemente reais, como o do assíduo John Balance. Outros abertamente chistosos, próximos à galhofa,

delatavam um Craig aparentemente despreocupado em revelar seu artifício, como Edward Edwardovitch, ou o enigmático X.Y.Z., ou mais explicitamente Yoo-No-Hoo. A pronúncia do nome deste último, apresentado como um colaborador chinês, significa “você sabe quem” em inglês (de grafia “you know who”). Existem várias ocasiões em que Craig escreve cartas para si mesmo, sob diferentes nomes. A modéstia e o rigor das revistas de artes e ofícios eram quase totalmente inexistentes em *The Mask*. Na verdade, com seu jogo, mais do que ocultar, *The Mask*, como todas as máscaras, não poderia ser mais reveladora da personalidade essencialmente teatral de Edward Gordon Craig.

Além disso, com seus inúmeros pseudônimos, a revista conseguiu deslocar a atenção (e as possíveis críticas) que seriam unicamente à figura de Craig, criando um espectro amplo de opiniões e de supostos colaboradores. São conhecidos 65 pseudônimos criados por ele para *The Mask*. Isso faz com que seja difícil indicar qual a autoria exata de alguns dos artigos publicados em sua revista.

Esse artifício chistoso e teatral de criar pseudônimos, aparentemente inócuo, teve como efeito colateral o desaparecimento compulsório e quase literal do nome de Nevile Lees nos registros de *The Mask*: “se alguém foi na prática despersonificada, esta foi Dorothy Nevile Lees” (TAXIDOU, 1998, p. 186, tradução minha). Sabe-se que Craig estava sempre girando pela Europa. Vários números foram preparados sem a sua presença em Florença. Ainda que nada fosse publicado sem a revisão rigorosa do diretor, vários textos de sua autoria (e de seus pseudônimos) sofreram contribuições importantes de Lees. E vice-versa. Muitas pessoas acorreram naqueles anos à Arena Goldoni para encontrar Gordon Craig e o “sr. Semar”

Sobre Craig, era fácil dizer que ele estava em Moscou ou em Paris. Mas sobre o sr. Semar era um pouco mais difícil. Ela dizia que ele havia saído ou viajado. As pessoas me perguntavam: “quando ele voltará?” – É impossível dizer, ele vem e vai conforme a necessidade do trabalho. “Podemos marcar uma entrevista?” – Bom, ele é um homem muito reservado, ele prefere tratar por carta; mas tudo que for dito a mim, será transmitido a ele com toda a fidelidade. (LEES, 1961, p. 35, tradução minha)

No verão de 1908, em meio a enormes dificuldades financeiras, Lees assume pela primeira vez total responsabilidade sobre a publicação de *The*

*Mask*, o que aconteceria com bastante frequência a partir de então: “de um total de quinze volumes, eu estive sozinha na publicação de onze volumes ao todo” (LEES, 1961, p. 25, tradução minha), com instruções vindas de Craig através de cartas quase diárias. Lees se tornou a responsável pela publicação da revista, trabalhando em todas as etapas da sua elaboração, organizando e gerenciando desde a secretaria até os últimos estágios de elaboração, e redigindo, entre outras coisas, alguns artigos e editoriais. O trabalho de acabamento de *The Mask* era frequentemente feito a mão por Lees. Aos poucos, ela passou a assumir todas as dificuldades (e em várias ocasiões, inclusive as financeiras) da revista. Muitas vezes foi Lees quem financiou as atividades de *The Mask* com seus bens pessoais, pequenas economias, e com os proventos de sua colaboração com jornais ingleses, nos quais teve que voltar a trabalhar como correspondente. Ainda que muitos de seus artigos na revista ficassem para sempre ocultos sob pseudônimos, obedecendo ao artifício criado por Craig, Dorothy Neville Lees foi quem manteve viva *The Mask*: “graças a seu esforço incessante, *The Mask* se tornou um instrumento que permitiu a Craig, de Florença, fazer sentir sua influência sobre o teatro de todo o mundo” (MELOSI, 2001, p. 86, tradução minha).

## A máscara caída

O projeto de uma revista com essas características era um empreendimento complexo que envolvia investimentos financeiros, parcerias, pesquisas teóricas e estruturação logística. Ainda mais à beira de uma guerra mundial. Craig se responsabilizava por grande parte do conteúdo da revista, mas todas as outras estruturas estavam a cargo de Dorothy Neville Lees.

Gordon Craig viveu por trinta anos em Florença, mas nunca aprendeu a falar italiano. Todas as negociações locais necessitaram da intermediação de Neville Lees. Sem ela, Craig não teria conseguido sequer se comunicar, seja com as autoridades locais ou com seus colaboradores. Lees não foi apenas a intérprete do seu companheiro em muitas situações, algumas cruciais para seus projetos: ela terminou por ser a tradutora da realidade florentina para Craig e por tornar possível a inserção da escola naquela circunstância social e cultural. Conforme descreve Ilaria Sborgi, pesquisadora da obra

de Nevile Lees, “ela logo se transformaria também em sua ‘factotum’, sua secretária, sua tradutora, sua colaboradora, enfim, o meio indispensável para a realização da revista” (SBORGI, 2001, p. 20, tradução minha). Ao final de sua vida, Lees se tornaria, ainda, a guardiã de tudo o que restou de *The Mask* e ao que ainda hoje podemos ter acesso, conhecer e pesquisar.

Quando Gordon Craig partiu definitivamente de Florença para a França, em 1936, Nevile Lees voltou a se dedicar inteiramente ao jornalismo e à literatura. Ao deixar Florença, ele confiou a ela a guarda de todo o material remanescente de *The Mask*: impressoras, centenas de exemplares, maquinários, mobiliário, pequenos objetos, cartas etc. Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, todo o material de *The Mask* correu o risco de ser confiscado, por se tratar, supostamente, de material de contrapropaganda de uma cidadã inglesa, logo, inimiga. Lees conseguiu evitar esse confisco durante anos fazendo reconhecer legalmente seu filho com Craig – David, cidadão italiano “e naquela guerra servindo ao exército italiano” (LEES, 1961, p. 99, tradução minha) – como proprietário de todo o espólio de *The Mask* e da Arena Goldoni.

Em julho de 1944, quinze dias antes da libertação de Florença, soldados alemães apreenderam todo o material de *The Mask*. Lees relata em seu diário de maneira comovente o episódio. Eles entraram à força e vasculharam sua casa. Ela tentou de todos os modos impedi-los, em alguns momentos se interpondo fisicamente. Por fim, os alemães recolheram tudo o que conseguiram encontrar. Lees havia escondido grande parte do material, prevendo a situação. Quando o caminhão arrancou, carregado com o que seria o espólio de todo o trabalho de quase trinta anos com Craig, um exemplar de *The Mask* caiu ao chão. Ela avançou, o recolheu e o devolveu ao soldado, que o atirou novamente para dentro do caminhão.

No entanto, algumas poucas coleções inteiras de *The Mask* que foram escondidas dentro de sofás, camas e poltronas não foram encontradas. Esse é o material que se encontra em Florença e que foi doado para as instituições às quais Lees se sentia ligada, principalmente ao British Institute of Florence (em que todos os exemplares possuem a assinatura da jornalista) e ao Archivo Contemporaneo do Gabinetto Scientifico Letterario G. P. Vieusseux (acervo doado por David Lees).



O material levado pelos nazistas foi guardado em uma mina de sal na região de Krememunster, perto da cidade de Linz, na Áustria. Ao fim da guerra, foi reencontrado pelo exército inglês e então devolvido a... Gordon Craig! Ele mais tarde o venderia a museus, garantindo assim sua aposentadoria.

Nos arquivos em Florença pude manipular pequenos objetos, maquetes, anotações de Craig em pedaços de papel, cartas para Lees ainda em seus envelopes decorados manual e caprichosamente, e o comovente diário de Lees, escrito à mão, no qual ela descreve toda sua trajetória com Gordon Craig, o zelo com o espólio de *The Mask* e o sequestro dos bens pelos alemães ao final da segunda guerra. Durante os encontros com Ilaria Sborgi (pesquisadora do trabalho de Dorothy Nevile Lees), com Alison Price (do British Institute of Florence) e com Ilaria Spadolini (do Archivio Contemporaneo), era deixado bastante clara a avaliação geral de uma inadequação histórica com o nome de Lees pela qual o único responsável seria Craig. Em solidariedade a esses depoimentos, decidi fazer uma modesta contribuição para uma “adequação histórica” referente ao projeto *The Mask*, sempre relacionado exclusivamente a Gordon Craig, e assim trazer um pouco à luz esta personagem admirável, colocada desnecessariamente à sombra. Dorothy Nevile Lees morreu em Florença, em 19 de fevereiro de 1966, aos 86 anos, cinco meses antes de testemunhar a morte, aos 94 anos, de Gordon Craig.

## Referências bibliográficas

CRAIG, E. G. **On the art of the theatre**. London: Routledge, 2009.

\_\_\_\_\_. **A living theatre. The Gordon Craig School. The Arena Goldoni. The Mask**: setting forth the aims and objects of the movement and showing by many illustrations the city of Florence, the Arena. Florence: Arena Goldoni, 1913.

\_\_\_\_\_. **The Mask. A quarterly illustrated journal of the art of the theatre**. Florence: Arena Goldoni, 1908-1929. (Coleção British Institute of Florence).

LEES, D. N. **Notes on work with Gordon Craig and The Mask in Florence**. Archivio Contemporaneo dello Gabinetto Scientifico Letterario G. P. Vieusseux, 1961. (Diário pessoal).

\_\_\_\_\_. About “The Mask.” In: CRAIG, E. G. **A living theatre. The Gordon Craig School. The Arena Goldoni. The Mask**: setting forth the aims and objects of the movement and showing by many illustrations the city of Florence, the Arena. Florence: Arena Goldoni, 1913.

- MELOSI, L. **Profili di donne**. Roma: Edizioni di storia e letteratura, 2001.
- RIBEIRO, A. Um diálogo às margens do Ganges: Gordon Craig e Ananda Coomaraswamy. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 4, n. 3, p. 463-485, 2014.
- SBORGI, I. B. Behind The Mask: Dorothy Nevile Lee's Florentine contribution do Edward Gordon Craig's "New Theatre." In: WANROOIJ, B. P. F. (Ed.). **Otherness anglo-american women in 19th and 20th century in Florence**. Florence: Cadmo, 2001. (Série Italian history & Culture). v. 7.
- \_\_\_\_\_. This interval from fighting. Tracce di un insolito spettacolo al teatro Niccolini nelle carte di Dorothy Nevile Lees. **Antologia Vieusseux**, Firenze, n. 35, p. 67-82, 2006.
- TAXIDOU, O. **The Mask, a periodical performance by Edward Gordon Craig**. Amsterdam: Harwood Academic Publishers, 1998.

Recebido em 14/09/2017

Aprovado em 21/10/2017

Publicado em 26/12/2017

